

esse conhecimento é intermédio entre a opinião e a inteligência.

— Compreendeste-me o suficiente — disse eu. — Aplica agora a estas quatro divisões as quatro operações da alma: a inteligência à mais elevada, o conhecimento discursivo à segunda, à terceira a fé, à última a imaginação; e ordena-as atribuindo-lhes mais ou menos evidência, consoante os seus objectos participam mais ou menos na verdade.

— Compreendo — disse ele. — Estou de acordo contigo e adopto a ordem que propões.

1º Movimento: os homens presos pela ignorância (sombra) → torna a sombra pela realidade (a imagem pelo objecto)

2º Movimento: o conhecimento da realidade

(e a dificuldade em aceitar a saída da caverna)

3º Mov.: volta à caverna  
→ dif. em defrontar a realidade (representação)

Fala de dificuldade em contactar

a realidade em função dos preconceitos

→ os cf. os fatos nos acostumamos ao longo de nossa vida

→ a aderir ao conhecimento

→ Mundo sensível: aquilo que vemos e sentimos

→ Mundo inteligível: conhecimentos (conceitos)

Sombras: ideias primeiras (segundo o mundo)

## LIVRO VII

→ Trabalho do filósofo ou do educador

Mito da caverna

— Agora — prossegui — imagina da maneira que se segue o estado da nossa natureza relativamente à instrução e à ignorância. Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, tendo a toda a largura uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, dado que a cadeia os impede de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada alta: imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores de títeres armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.

— Estou a ver — disse ele.

— Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objectos de toda a espécie, que transportam o muro, e estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda a espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e os outros calam-se.

— Um quadro estranho e estranhos prisioneiros — comentou.

— Assemelham-se a nós — respondi. — E, para começar, achas que, numa tal situação, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais do que as sombras projectadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?

— E como — observou —, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?

— E, com as coisas que desfilam, não se passa o mesmo?

— Sem dúvida.

— Portanto, se pudessem comunicar uns com os outros,

não achas que tomariam por objectos reais as sombras que veriam?

— É possível.

— E, se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, julgariam ouvir outra coisa que não fosse a sombra que passasse diante deles?

— Não, por Zeus! — exclamou.

— Forçosamente — prossegui —, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objectos fabricados.

— Assim tem de ser.

— Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos sofrerá e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objectos de que anteriormente via as sombras. Que achas que responderá se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão vãos fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objectos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via anteriormente lhe parecerão mais verdadeiras do que os objectos que lhe mostram agora?

— Muito mais verdadeiras — reconheceu.

— E, se o forçares a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhe mostram?

— Com certeza.

— E se — continuei — o arrancarem à força, da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até à luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que actualmente denominamos verdadeiras?

— Não o conseguirá — respondeu —, pelo menos de início.

— Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objectos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras, em seguida as imagens dos homens e dos outros objectos que se reflectem nas águas, por último os próprios objectos. Depois disso poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu do que, durante o dia, o Sol e a sua luz.

— Sem dúvida.

— Finalmente, suponho eu, será o Sol — não as suas vãs imagens reflectidas nas águas ou em qualquer outra coisa —, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é.

— Necessariamente — disse ele.

— Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros na caverna.

— É evidente que chegará a essa conclusão.

— Ora, lembrando-se da sua primeira morada, da sabedoria que aí se professa e daqueles que aí foram seus companheiros de cativeiro, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

— Sim, com certeza.

— E se então distribuíssem honras e louvores, se tivessem recompensas para aquele que se apercebesse, com o olhar mais vivo, da passagem das sombras, que melhor se recordasse das que costumavam chegar em primeiro ou em último lugar, ou virem juntas, e que por isso era o mais hábil em adivinhar a sua aparição, e que provocasse a inveja daqueles que, entre os prisioneiros, são venerados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferirá mil vezes ser simplesmente um criado de charrua, ao serviço de um pobre lavrador, e sofrer tudo no mundo, de preferência a voltar às antigas ilusões e viver como vivia?

— Sou da tua opinião — disse ele. — Preferirá sofrer tudo, a ter de viver dessa maneira.

— Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai

sentar-se no seu antigo lugar: não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao sair bruscamente do sol?

— Por certo que sim — disse ele.

— E, se tiver de entrar de novo em competição, para julgar essas sombras, com os prisioneiros que não se libertaram das suas cadeias, no momento em que a sua vista está ainda confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto (a habituação à escuridão exigirá um tempo bastante longo), não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E, se alguém tentar libertá-los e conduzi-los para o alto e se eles puderem deitar-lhe as mãos e matá-lo, não o matarão?

— Sem sombra de dúvida — respondeu.

— Agora, meu caro Gláucón — prossegui —, é preciso aplicar, ponto por ponto, esta imagem ao que dissemos atrás, comparar o mundo que nos descobre a vista com a vida da prisão e a luz do fogo que a ilumina com a força do Sol. Quanto à subida à região superior e à contemplação dos seus objectos, se a considerares como a ascensão da alma para a mansão inteligível, não te enganarás quanto à minha ideia, visto que também tu desejas conhecê-la. Só Deus sabe se ela é verdadeira. Quanto a mim, a minha opinião é esta: no mundo inteligível, a ideia do bem é a última a ser apreendida, e com dificuldade, mas não se pode apreendê-la sem concluir que ela é a causa de tudo o que de recto e belo existe em todas as coisas; no mundo visível, ela engendrou a luz e o soberano da luz; no mundo inteligível, é ela que é soberana e dispensa a verdade e a inteligência; e é preciso vê-la para se comportar com sabedoria na vida privada e na vida pública.

— Compartilho a tua opinião — disse ele —, na medida do possível.

— Pois bem! Compartilha-a também neste ponto e não te admires se aqueles que se elevaram a tais alturas desistem de se ocupar das coisas humanas e as suas almas aspiram sem cessar a instalar-se nas alturas. Isto é muito natural, se a nossa alegoria for exacta.

— Com efeito, é muito natural — disse ele.

— Mas como? Achas espantoso que um homem que passa das contemplações divinas às miseráveis coisas humanas

revele repugnância e pareça inteiramente ridículo, quando, ainda com a vista perturbada e não estando suficientemente acostumado às trevas circundantes, é obrigado a entrar em disputa, perante os tribunais ou em qualquer outra parte, sobre sombras de justiça ou sobre as imagens que projectam essas sombras, e a combater as interpretações que disso dão os que nunca viram a justiça em si mesma?

— Não há nisso nada de espantoso.

— Efectivamente — prossegui —, um homem sensato lembrar-se-á de que os olhos podem ser perturbados de duas maneiras e por duas causas opostas: pela passagem da luz à escuridão e pela da escuridão à luz; e, tendo reflectido que o mesmo se passa com a alma, quando encontrar uma perturbada e embaraçada para discernir certos objectos, não se rirá tolamente, mas antes examinará se, vinda de uma vida mais luminosa, ela está, por falta de hábito, ofuscada pelas trevas ou se, passando da ignorância à luz, está deslumbrada pelo seu brilho demasiado vivo; no primeiro caso, considerá-la-á feliz, em virtude do que ela sente e da vida que leva; no segundo, lamentá-la-á e, se quisesse rir à sua custa, as suas zombarias seriam menos ridículas do que se se dirigissem à alma que regressa da mansão da luz.

— É o que se chama — disse ele — falar com muita sabedoria.

— Se tudo isto é verdadeiro, temos de concluir o seguinte: a educação não é o que alguns proclamam que é, porquanto pretendem introduzi-la na alma, onde ela não está, como quem tentasse dar vista a olhos cegos.

— Efectivamente, pretendem.

— Ora — prossegui —, o presente discurso demonstra que cada um possui a faculdade de aprender e o órgão destinado a este uso e que, semelhante a olhos que só poderiam voltar-se com todo o corho das trevas para a luz, esse órgão deve também afastar-se com toda a alma do que nasce, até que se torne capaz de suportar a vista do ser e do que há de mais luminoso no ser; e a isto chamamos o bem, não é verdade?

— É.

— A educação é, pois, a arte que se propõe este objectivo, a conversão da alma, e que procura os meios mais fáceis e